

O ETERNO RETORNO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O TEMPO E A MEMÓRIA NA CRÔNICA *UMA VELHINHA EM FLORENÇA* DE CECÍLIA MEIRELES

The eternal return: considerations on time and memory in the chronic “Uma Velhinha em Florença” by Cecília Meireles

Vanessa Gonçalo de Sousa
UFPI

Resumo: O presente trabalho tem como objeto de estudo a crônica *Uma velhinha em Florença*, escrita por Cecília Meireles, recorte do livro *Ilusões do mundo*. Com objetivo de analisar a temática do tempo proposto por Gilles Deleuze (2009); o estudo de *O ser e Tempo* de Martin Heidegger (2005); em consonância com a memória na concepção teórica de Maurice Halbwachs (2003) e a visão de Santo Agostinho (2001). Para a análise literária, abordamos o viés teórico de Carlos Reis (2003). Observamos no texto, uma protagonista que recorre ao retorno no tempo por meio da memória, repetindo eventos do passado por insuficiência e, desta forma, reelabora, reinterpreta e produz uma nova concepção, o futuro. Entendemos o tempo como o emaranhado de tempos, não linear, mas uma variedade infinita no instante presente. Além disso, a crônica apresenta singularidades na estrutura da narrativa e como também em sua temática.

Palavras-chaves: Tempo. Memória. Retorno.

Abstract: *The present article studies about the chronic *Uma Velhinha em Florença*, written by Cecília Meireles, published in *Ilusões do mundo* book. The objective of this study is an analysis on the theme of time proposed by Gilles Deleuze (2009); the study about *Being and time* by Martin Heidegger (2005); furthermore, the theoretical conception on memory by Maurice Halbwachs (2003) and standpoint of Santo Agostinho (2001). We search theory concepts by Carlos Reis (2003) for this literary analysis. We may see in text, a protagonist that builds eternal return during on time, where it becomes just on memory, she remembers past events for insufficiently, and this way, she re-elaborates, reinterprets and produces a new conception, the future. We understand the time as the tangle of times, nonlinear perception of time, but it is an infinity variety in this present moment. And also, the chronic presents singularities on narrative structure and also in thematic.*

Keywords: *Time. Memory. Return.*

*E quem nega que o tempo presente não tem extensão,
porque passa num instante?
(Santo Agostinho, 2001)*

O tempo que não passa, o tempo que transcorre rápido, ainda falta tempo, ainda há tempo, quanto tempo resta, não temos tempo a perder, o tempo não perdoa, acabou o tempo, o tempo do indivíduo, o tempo. Estamos sempre medindo o tempo, sua duração, curto ou longo, “seja porque nossa reflexão se acelera, ou porque nos encontrávamos em um estado de exaltação e de efervescência afetiva, temos a impressão de ter em algumas horas ou alguns dias, vivido anos” (HALBWACHS, 2003, p. 93), ou vivido um período de uma vida e termos a noção de que foi muito breve. Observamos que o tempo no nosso cotidiano é relacionado a alguém ou alguma coisa, com a noção do seu transcorrer, da sua utilidade efetiva e o melhor aproveitamento deste. Esta noção de tempo configura o *chronos* conforme Gilles Deleuze (1991), o tempo físico contado pelos acontecimentos exteriores - que marca os corpos, as pessoas, a rotina - poucas vezes, pensa-se no tempo por si próprio, o tempo pelo tempo, o tempo subjetivo que configura o *Aion*, em que o futuro e o passado dividem a cada instante o presente, subdividem-no infinitamente nos dois sentidos ao mesmo tempo.

No convívio em sociedade estamos aprisionados a viver o tempo como uma sucessão de acontecimentos lineares postos em sequência com começo, meio e fim, denominado de tempo físico. Acondicionamos nossas atividades conforme a divisão do tempo como mero encadeamento sucessório de eventos e causalidades dispostos no espaço a cada passada do ponteiro do relógio, sem retorno. Dividimos tanto o tempo, que se deixarmos o tempo correr por si próprio, sem nenhuma presteza, o problema será como passar o tempo. Neste sentido, configura como se estivéssemos em débito, temos de viver cada instante e momento, de forma a tornar este tempo significante.

A ideia do tempo físico encontra-se tão internalizada, que somos forçados a pensarmos a vida e os acontecimentos que a preenchem como aspectos de medidas. Isto nos remete à metáfora proposta por Maurice Halbwachs (2003), como se a vida fosse uma página em branco e ao dividir esta página em partes, comparamos cada ano que se passa, à medida que ela se contrai, representando um tempo cada vez menor a ser decorrido. Sob esse prisma, entendemos que o tempo transcorrido assume uma roupagem negativa, como os instantes que foram e não voltam mais, foram perdidos e apagados pelos encadeamentos dos novos instantes. Como bem visto por

Durkheim (apud HALBWACHS, 2003), um indivíduo isolado poderia até desconhecer os instantes que se esvai e se notar inábil para medir a duração destes, entretanto, a vida em sociedade implica que todos se ajustem ao tempo e às constâncias e, assim, reconheçam as convenções das quais são objeto.

Na nossa análise, dialogamos com Gilles Deleuze (apud PELBART, 2009) que propõe rejeitar o tempo físico ou cíclico, para observar o tempo em sua forma pura de *cesura*, a ruptura de todas as rupturas, que provoca o desencontro entre o começo e o fim. Sob essa ótica, há “um eterno retorno” ao passado e ao futuro, estes que são demonstrados como interdependentes, passam a adquirir formas fixas, como uma potência repetidora afirmada pela insuficiência do passado. Entendemos “o presente em metamorfose” (DELEUZE, 2009, p. 138), em outras linhas, a repetição do passado em função da sua insuficiência é uma busca de uma releitura para não se repetir no futuro, conforme a consciência daquele, é possível uma reconhecimento. Essa nova percepção aparece como a função de um futuro, pois, é capaz de produzir o novo, no sentido estrito e não no sentido de novidade, a partir da insuficiência e a consciência dos erros já praticados. Constituindo o presente como o produto da transformação acerca de uma experiência, ora no passado ora no futuro, conforme os respectivos retornos ao tempo. Entendemos que para produzir algo ou alguma coisa de novo é mediante:

a condição de repetir uma vez o modo como constitui o passado e outra vez, no presente da metamorfose. E o que é produzido, o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição, a terceira repetição, desta vez por excesso, a repetição do futuro como eterno retorno (DELEUZE, 2009, p. 138).

Desta forma, rompe com a visão temporal cíclica e determinada, elabora a ideia múltipla do ser pelas forças repetidoras provocando o entendimento do eu diferente de mim, o ser em permanente indeterminação no tempo. Entendemos, respaldados por Peter Pál Pelbert, (2009) o tempo como um emaranhado, que revela o ser que se faz mudança e o ser que não para de incidir sobre si mesmo, como algo distante do extremismo, pois o tempo é infinito.

Ao observarmos as três sínteses do tempo formuladas por Gilles Deleuze (2009): a primeira síntese é expressa pelo hábito, é a síntese passiva que age como a fundadora do tempo; a segunda síntese é expressa pela memória, esta é a que faz o presente transcorrer, a que faz a ligação múltipla entre os instantes, a que instaura o passado e o articula ao presente, ou seja, a memória como fundamento do tempo, configura a síntese ativa; a terceira síntese expressa pelo eterno retorno que repete a diferença e traz consigo algo de novo, instaura um futuro. A terceira

síntese não é fundadora e nem fundamento, ela rompe o tempo e provoca a criação de novos acontecimentos. As três sínteses do tempo em conjunto possibilitam o ser em meio ao hábito e a memória numa multiplicidade experiencial e geradora de futuro. A memória não é fixa nem delimitada, mas vista como algo a se construir por meio do deslocamento e trânsito dos planos distintos coexistentes.

A releitura viva pela memória nos lembra de Santo Agostinho (2001), ao afirmar sobre as imagens das coisas estarem alocadas de tal modo em nossa memória, que se estas não estivessem gravadas, nós não notaríamos estas imagens, pois teriam surgido e passado sem destaque algum. As coisas não penetram na memória e sim as imagens das coisas, estas são captadas com rapidez e depositadas em compartimentos, onde se vão buscar, recordando e remontando. Nessa percepção acerca da imagem, notamos de forma clara e dialogada com Alfredo Bosi:

O ser vivo tem a partir do olho, as formas do sol, do mar, do céu. O perfil, a dimensão, a cor. A imagem é um modo da presença que tende a supri o contacto direto e a manter, juntas, a realidade do objeto em si e a sua existência em nós (BOSI, 1977, p. 14).

A ação do olhar apreende não apenas a exterioridade da coisa, como também uma assimilação da relação entre nós e a imagem. Na acepção de Alfredo Bosi (1977) acerca da imagem que antecede a palavra, entendemos que a imagem tem o intento na sensação visual que é retida e, posteriormente, pode ser gerada pelo processo de memorização ou por sonho. Após a imagem ser armazenada, passa a coexistir no tempo da memória, de forma que o agora remarca o passado e convive com ele. Dependendo das emoções que aportam essa imagem, esta pode perpetuar-se, tornando-se fixa como algo ideal ou temível. Correlacionamos à crônica de Cecília Meireles que trabalha essa percepção do olhar da protagonista, ao reter a imagem, refazer o passado, construindo um apanhado entre o objeto e a sua existência em si própria. Dessa maneira, “a imagem nunca é um ‘elemento’: tem um passado que a constituiu; e um presente que a mantém viva e que permite a sua recorrência (BOSI, 1977, p. 14, grifo do autor)”.

Especificamos para a nossa análise, uma oportunidade de estudo sobre a recorrência dos fatos pela memória no objeto de estudo. É relevante mencionar Maurice Halbwachs (2003) que define memórias como construção de grupos sociais, pois que nenhuma lembrança é apartada da sociedade. Com a ressalva de não é que não haja memória individual, mas está tão enraizada em diferentes contextos e inúmeros participantes que permite haver uma transposição da memória

de natureza pessoal, convertendo-se em eventos acontecidos partilhados em grupo, denominados, assim, de memória coletiva.

A espacialização do tempo e a temporalização do espaço, possibilitadas pela memória, condensam diversos lugares e tempos em um constante cruzamento no presente, dotado de fissuras e fusões entrelaçadas, compondo um contínuo processo de colisão entre os opostos (passado e futuro) e a insuficiência do presente. Sendo possível o retorno ao passado pela memória, permitindo uma reinterpretação, a criação de algo novo é o que associamos a leitura analítica da crônica *Uma Velhinha em Florença*. A narrativa cujo enredo, consiste em a narradora personagem lembrar um simples evento no passado, por ter sido insuficiente, lançando uma reflexão e reinterpretação das suas memórias, como formas de recriar este passado e adquirir um novo olhar e cognição para ações diferentes no futuro.

Confirmando a justificativa deste estudo, considerando o ponto de vista de John Gibson (2009), acerca das obras literárias como formas poderosas de representações da realidade, pois definidas pela perspectiva humana. Nessa esteira, propiciam ao leitor uma visão de mundo compartilhado, visto que a obra literária permite a movimentação dos saberes, pelo modo como traz conceitos para a nossa leitura e o apresenta de volta para nós, como formas concretas do engajamento humano. Nesta premissa, nós, leitores, adquirimos conquistas cognitivas acerca da nossa realidade mediante a relação com os seres humanos e o mundo no objeto de ficção, tendo em vista que ao confrontar o universo paralelo das expectativas reais e o universo ficcional do autor, o leitor apreende uma multiplicidade de sentidos e visões do mundo em que está circunscrito.

O objetivo da nossa análise reside em observar o fenômeno tempo e a memória no objeto literário, correlacionando-os à crítica literária de: Gilles Deleuze (2009) sobre o tempo como ruptura e o *eterno retorno*; Maurice Halbwachs (2003) e a proposta de definições sobre memória individual e coletiva e, entre alguns respaldos, *Confissões* de Santo Agostinho (2001). Somados a estas abordagens, selecionamos como aporte teórico, os estudos de Carlos Reis (2003) referentes às especificidades dos elementos inseridos na narrativa, nos quais defende que as obras literárias são textos de ficção, configurando um mundo de possibilidades, eminentemente dinâmico e sujeito à ação de mecanismo temporais, distribuída por níveis de inserção: os personagens, o espaço, ação, tempo e narrador. São estas características que apontaremos na nossa análise como

composições técnicas organizadas e selecionadas pelo autor para a elaboração de uma mensagem literária para o leitor.

A crônica *Uma velhinha em Florença* pertence à coletânea *Ilusão de Mundo*, este livro apresenta uma seleção de crônicas destinadas ao programa de rádio; *Quadrantes*, da Rádio MEC e *Vozes da cidade*, da Rádio Roquete-Pinto de 1961 a 1963. Consideramos esta informação relevante, conforme a análise da crônica, percebemos os recursos que acentuam a oralidade da produção literária. No tocante à obra em estudo, apresenta características encontradas nas demais crônicas de Cecília Meireles, há uma linearidade na prosa da autora, tais como: enredos curtos acerca de experiências individuais como exemplo para o coletivo; há fatos corriqueiros expostos com tons irônicos e de humor sem se descuidar da linguagem poética, reinventando-a, com objetivo de proporcionar um novo olhar para si e para o leitor; demonstra sensibilidade e uma profunda reflexão construída nos seus personagens; como também verificamos a capacidade de representar o insólito mediante o factual, a cronista Cecília Meireles descreve os lugares, as situações cotidianas com uma dimensão sempre mais ampla do que inicialmente se pode prever.

Na crônica, qualquer tema pode ser objeto de observação, o assunto é o que menos importa, há apreciação de temas amenos, simples e diários, portanto, a crônica se configura como texto de curta duração e uma tendência à multiplicidade temática. Na visão de Antonio Cândido (1992) a crônica pertence ao *rés-de-chão*, “ela representa aquele que fala do âmbito terreno, não mais do alto da montanha”. Embora tenha sido tratada como um “gênero menor”, Antônio Cândido – não para desqualificar e sim valorizar – reconhece que na crônica, “tudo é vida e motivo de reflexão e experiência, demonstrando no simples fato, algo grandioso, belo e singular, o que aproxima a crônica da verdade e da poesia pelo convívio íntimo às palavras cada vez mais poéticas, tornando-se cada vez mais próxima de nós” (CÂNDIDO, 1992, p. 15). Neste viés, a crônica é uma obra literária que possibilita uma familiaridade e convivência com outras situações e pessoas, sugerindo uma negativa da visão pragmática que proporciona uma reflexão além de nós mesmos e, conseqüentemente, a compreensão do outro.

As narrativas literárias abordam anseios, angústias e sentimentos de forma reflexiva, o que nos permite entender acerca da afirmação de Antônio Cândido, “escrever é propiciar a manifestação alheia, em que a nossa imagem se revela a nós mesmos”(CÂNDIDO, 2006, p. 85). A preocupação com as nossas agruras existenciais, com a nossa condição humana e com o que de fato fazemos no mundo provoca a conscientização da certeza de que estamos vivos. Estas

reflexões nos conduzem de uma situação passiva para uma situação ativa, por advertirem o indivíduo que ele é um ser livre, único e responsável pelas suas escolhas. Como demarca o conceito de *existencialismo* sugerido por Martin Heidegger (2005), cujas especulações filosóficas destacam que a existência precede a essência, a liberdade individual, a responsabilidade e a subjetividade do ser humano. Observamos que o *corpus* literário em estudo corresponde a um exemplo acerca do questionamento e problemática do ser:

Todo questionamento é uma procura. Toda procura retira do procurado sua direção prévia. Questionar é procurar cientemente o ente naquilo que ele é e como ele é. A procura ciente pode transformar-se em “investigação” se o que se questiona for determinado de maneira libertadora (HEIDEGGER, 2005, p. 30).

Como bem lembra Martin Heidegger (2005) em *A questão do ser* a busca pelo sentido de ser, como se percebe na nossa leitura da crônica *Uma velhinha em Florença*. Tomando como objetivo de estudo analisar a memória, a passagem do tempo e a efemeridade, discorreremos sobre a narrativa em primeira pessoa, uma escrita de si que correlacionamos não ao autobiográfico, mas a uma autoficção, como bem marca Diana Klinger (2012), uma narrativa híbrida, na qual a ficção em si tem como referente o autor, não mais como pessoa bibliográfica e sim como personagem construído discursivamente. A estrutura do texto apresenta uma singularidade configurada em duas histórias entrelaçadas, uma que aproxima a crônica do leitor, pois relata um simples fato diário no passado: a narradora personagem tenta comprar uma blusa na loja de uma velhinha – esta é moldurada pelo momento presente, em que a narradora recorre à construção do fato pela memória e propõe questões existenciais. Reafirmando nas entrelinhas que esse entrelaçar narrativo presente na crônica é a representação da busca pela memória para que a personagem narradora, por deliberada escolha, coloca-se no lugar da anciã, como meio de entender a si própria e o outro.

A organização interna do objeto literário apresenta a construção de dois personagens, a narradora personagem que é uma mulher jovem, provavelmente, devido à distinção feita ao nomear a outra personagem de idosa. Identificamos na construção no discurso da narradora, características sugeridas por Diana Klinger (2012) como, por exemplo, indagações a respeito de sua subjetividade e posicionar-se de forma crítica perante os seus modos de representação. Por sua vez, infere-se a outra personagem, a velhinha, uma noção de tempo vivido, um estágio da vida representado no ser dotado de muitas experiências e, portanto, sem ter mais tempo de esperar, motivo de comoção da narradora. Ao reportar suas recordações, concluímos que a

narradora se identifica com a velhinha, com seus possíveis sentimentos e pensamentos, humaniza-se. Estes são atenuantes que nos levam a inferir que a narradora está nesta fase da vida, a velhice, confirmado de forma mais esclarecedora, pelo título, que configura ambiguidade do florescer da velhice e a idosa que surgia nas suas lembranças quando esteve em Florença, denotando o ciclo da vida, pela transposição dos personagens. Notamos que a personagem repensa seus atos e as escolhas de sua vida que a levaram onde está, confirmando as linhas de Maurice Halbwachs (2003), acerca da inserção do ser humano no grupo proporcionar mais condições para a recuperação de suas memórias individuais ou coletivas.

A função enunciativa de um narrador postula a existência de um *narratário*, ou seja, um destinatário como proposto por Carlos Reis, distinto do leitor real. Identificamos no estudo da crônica, o *narratário* ser o próprio narrador, por meio da representação de um *eu* com dúvidas e angústias, buscando compreender suas vivências íntimas (REIS, 2003, p. 152). Em vista disso, a personagem começa se questionando: “Por que me lembraria agora daquela velhinha de Florença? (MEIRELES, 2013, p. 43)”, conforme recorre à memória do fato que segue o texto, sugere uma ponderação sobre a busca por respostas para convencer ou remodelar a si própria, como agiu e como deveria ter agido mediante o fato. Ao buscarmos por testemunhos para sabermos mais informações sobre um evento vivido, Maurice Halbwachs (2003) afirma que o primeiro testemunho será sempre o nosso, conforme ilustração no *corpus*: no momento em que a narradora busca por respostas, ela sente que nela coexistem dois seres, isto é, um ser sensível que discorre sobre o que realmente viu e o *eu* que embora não tenha visto, viu em outro momento ou desenvolveu uma opinião baseada no testemunho alheio. Conforme se depreende do trecho que transcrevemos: “Há sentimentos antigos, dentro de nós, que não perdem a sua força, que não se deixam aniquilar pelo tempo e pelos acontecimentos; estão apenas reclinados como em cadeiras invisíveis, numa obscura sala de espera” (MEIRELES, 2013, p. 45).

Nos momentos iniciais do texto, acentuamos um tom melódico na narrativa, característica inerente para concretizar a oralidade da crônica e provocar uma liberação subjetiva no receptor. Neste aspecto, a crônica torna-se intersubjetiva, a partir do envolvimento íntimo evocado pelo universo ficcional, incluindo o leitor na compreensão destas falhas emocionais que marcam a vida, levando-o a se correlacionar e a buscar nas suas memórias, semelhante ao processo feito pela narradora. A percepção de os sentimentos ecoarem pelo tempo sugere os lapsos da memória individual da personagem, desse ser que viu em outro momento sob a influência de outros testemunhos, acontecimentos e ambientes. A memória individual é conceituada por Maurice

Halbwachs (2003) como um ponto de vista sobre a memória coletiva, esta visão muda com relação ao lugar que se ocupa, como também esse mesmo lugar se altera tão logo as relações liguem-se a outros ambientes, ou seja, a memória individual é variável, não é fixa e condicionada ao indivíduo que a possui.

O texto literário em estudo configura um exemplo do entendimento, cujo enredo, há um sujeito no presente rememorando o passado a partir de um simples fato, um olhar para “os jardins úmidos de chuva” transportou-a para uma lembrança de um momento vivido. Ao dar-se dessas lembranças, a narradora reconstitui as partes esquecidas e as adapta às percepções do presente. A narradora propõe um questionamento acerca dos seus sentimentos ecoarem pelo tempo, alguns são esquecidos, outros de tão intensos a acompanham durante a vida. Na ideia do tempo transcorrido infere-se que os fatos são lembrados com maior intensidade, pois o eu narrador não está mais só, não os nota como os notava antes, ao mesmo tempo olha com seus olhos e os do outro, constituindo uma memória coletiva.

Para relembrar uma cena, primeiro é necessário tê-la vivenciado, em seguida, com a presença ou não de testemunhas exteriores não será possível se não houver nenhum traço em nossa memória. Afinal, somos incapazes de reconstruir lembranças, mesmo diante de imagens construídas por outros a nós, caso não haja o nosso envolvimento e aproximação do fato, pelo contrário, essas imagens nos serão estranhas. Destarte, não basta ter vivenciado a cena, é condicional que esta imagem assuma uma figura de coisa viva, transforme-se em lembrança; “Mas, de repente, acordam, levantam-se dos seus lugares, acendem as luzes, fazem-se tão vivos e presentes que não resistimos ao seu poder e docilmente às revisões da memória e à sua crítica (MEIRELES, 2013, p. 45)”. Como assinalado por Maurice Halbwachs (2003) a memória não é uma *tabula rasa*, somos capazes de distinguir num espelho turvo traços ilusórios da imagem do passado, conforme compreendemos na crônica:

A tarde em redor de mim entristeceu, e, por mais que eu deseje ser meiga e solícita, todas as desculpas que lhe dirijo permanecem longe, imóveis, nulas, como esta nuvem escura que paira no céu turvo, sem vento que a desmanche nem chuva que a dissolva. (MEIRELES, 2013, p. 45)

Nessa moldura proposta pelo texto literário anuncia a busca pela memória e sua “localização temporal de um fato” assim chamado por Maurice Halbwachs (2003), que remete à ideia do tempo não como recordação exata do dia, mas como uma recordação de um período que, pouco a pouco, seja revivido em uma lembrança. A tarde em que a narradora se encontra

possibilitou vestígios da lembrança da tarde em que passeara outrora pelas ruas de Florença. Percebemos o conceito de tempo como *argila*, exposto na palestra *Tempo e loucura* de Peter Pál Pelbart (2009), que se modula e remodela, ligando pontos distantes da vida, um transporte do presente ao passado, episódios longínquos intimamente vinculados pela ruptura do tempo. Neste aspecto, entendemos o enredo da crônica quando a relacionamos ao *eterno retorno* proposto por Gilles Deleuze (2009), este é provocado pela insuficiência do passado buscando uma releitura e produção de um novo: “A história é mesmo tão simples que não sei como há tempo continua a ocupar lugar tão importante na minha vida (MEIRELES, 2013, p. 45)”.

A narradora destaca um sentimento de porta aberta para o território da memória anunciando a transmutação do passado ao presente. Esse transpor leva-nos a questionar e tentar fazer analogia entre a memória e o que aconteceu, ou a memória do que aconteceu está sempre presente no que está acontecendo. Pois o curso do tempo traz de volta um incidente insignificante ocorrido em um dado momento não só como lembrança, mas como uma sensação de um fato real, eis a capacidade de truques estranhos do tempo. Discorremos sobre o que Santo Agostinho (2001) afirma sobre a questão da medida do tempo e sua relação com a interioridade, pois o tempo é passagem, no momento em que passa medimos o tempo, quando o medimos ou o percebemos, o que pode ser estendido facilmente à memória, no sentido que a memória é o presente do passado. Paul Ricoeur (2012) reafirma Santo Agostinho a respeito do homem interior que se lembra de si mesmo, ao apresentar a memória vinculada à passagem do tempo, no sentido de mão dupla, de trás para frente, associada à passagem do tempo físico, mas também do futuro ao passado, este segundo sentido, refere-se da expectativa à lembrança, por meio do presente vivo. O olhar interior, o eu lembrar até ter me lembrado.

Destacamos que a ruptura do tempo possibilitou a ocupação de dois espaços no mesmo instante no *corpus* literário, no momento presente em que a história é apresentada, a protagonista está localizada no jardim durante uma tarde, quando o evento é relembrado, revivido; e no momento passado, ocorrido numa loja em uma dada rua de Florença, também à tarde, sendo esta uma visão de tempo apenas por contextualização do fato visando sua recuperação pela memória. No tocante às lembranças da personagem sobre o espaço, a loja é descrita como não sendo elegante, rica, nem artística, esclarecendo se tratar de um estabelecimento comum na Europa, negando-lhe o caráter luxuoso. Somos informados, então, que a mulher narradora não andou pelas ruas sozinha, no sentido de que em sua descrição há aspectos e pontos de vistas

influenciados por outrem ou por ela mesma, se, por ventura, já estivesse estado no local em outro momento.

Nas descrições há um encontro de ideias e maneira de pensar em relação à loja e à Florença, podemos fazer uma correspondência com Maurice Halbwachs (2003) ao nomear de lembranças coletivas em que afirma o fato de nunca estarmos sós, mesmo caminhando sozinhos, nossas lembranças são influenciadas pelas opiniões, ideias e referência dos outros: “Europa e a formosa Florença tornava-se uma cidade de prata (MEIRELES, 2013, p. 46)”. Assim consideramos que a memória deixa de ser uma faculdade interior do homem, pois é o homem que habita a vastidão da memória, conforme Peter Pál Pelbart (2009). A memória é plástica, mesmo quando estamos sós, somos influenciados pelas leituras, experiências e opiniões de terceiros, a nossa memória individual é moldada pela memória coletiva e vice-versa.

A intriga da narrativa no momento passado é reproduzida pela memória da narradora personagem e a sua relação com uma Velhinha em Florença. Essa senhora é proprietária de uma loja que lhe era, particularmente, especial, ali vendia blusas lindas e originais que nenhuma mulher resistiria. Ela se encantou com uma blusa e se animou em comprar mais algumas para presentear os amigos, o que a fez ficar mais tempo, mas surgiu um obstáculo para adquiri-las: a Velhinha não negociava em dólares. Por ser tarde para alguma outra solução, só restou-lhe pedir para que separasse a mercadoria comprometendo-se a retornar no dia seguinte com liras, moeda local, para efetivar a compra, já que a loja iria fechar. Na sequência apresenta as aflições da protagonista diante da possibilidade de não honrar o compromisso firmado para o dia seguinte, devido ao agendamento de outras atividades em lugares distantes da loja. Configurando a preocupação da personagem com a velhinha que guardara a blusa com a promessa de não vender a ninguém mais senão a ela.

Mediante os fatos ocorridos, o leitor é guiado pela narradora a visualizar a efemeridade do tempo físico, a transitoriedade, o tempo de cada um, o ciclo da vida acaba para uns e inicia para outros. “E eis que **de repente**, me torno possuidora de uma delas. **Começava** a escurecer (MEIRELES, 2013, p. 46, grifo nosso)”. A proprietária tinha de fechar sua loja, o emaranhado de atividades e a impossibilidade da personagem exercer o acordo assumido, marcou sua aflição na fugacidade destes instantes, sua sensação de incompletude, por não atingir seus objetivos. Toda ação implica uma subjetividade humana no propósito *existencialista* de Martin Heidegger (2005), a

personagem narradora reflete suas escolhas e as consequências desta para si, revendo suas inúmeras possibilidades e responsabilidades deste momento para o seu existir.

O movimento temporal pela memória permitiu desencadear reflexões a partir da promessa de retornar para buscar uma blusa, um retorno ao passado e, ao mesmo tempo, uma elucidação do instante já. As imagens memorialísticas transcendem o “eu” e alcança uma consciência do eu e o outro, compreendendo o efêmero, o instante de tempo em que se vive é o que já foi vivido. A sequência e o transcorrer dos instantes inviabilizou o adiar, pois o futuro é indeterminado, comprometer ou planejá-lo pode não ser possível. A crônica remete a ações e escolhas feitas, as incertezas e a angústia da narradora por não poder mudar o passado, mas ao refletir sobre estas falhas nos leva a outros caminhos no instante já. Somos responsáveis pelas nossas ações, podemos voltar a estas e repensá-las, isso produzirá o novo e mudanças no eu por vir e atenuar os caminhos traçados.

Talvez ela, com a sua experiência e a sua benevolência tenha pensado: “esqueceu-se, não pode vir...” e a blusa tenha passado logo a outras mãos (este seria o meu desejo). Talvez tenha acreditado tanto em mim (é o que dói) que pelo menos durante algum tempo, não a tenha vendido. (MEIRELES, 2013, p. 46)

O propósito da autoficção citado por Doubrovsky (1988 apud KLINGER, 2012, p. 46) é o “[...] eu como escritor decidi apresentar a mim mesmo e por mim mesmo incorporado uma experiência de análise não somente o tema, mas também a produção de texto”. Neste fragmento da obra, as narrativas no momento presente e passado se entrelaçam. Em face das recordações fatuais, a narradora remodela o que passou, descrevendo suas intenções, propõe a ruptura de um passado fixo. Reforçando a ideia de um *eu* diferente de mim, reafirmando a existência em processo de permanente indeterminação, o que nos lembra do ser que se faz mudança como demarca Peter Pál Pelbart (2006). Entendemos a narradora não evocando uma memória individual, mas a memória coletiva, conforme expressa a possível reação da velhinha, a forma que reconstrói essas lembranças, conduz para novos pensamentos, que no momento não era os mesmos que antes. “A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (HALBWACHS, 2003, p. 75).

A ideia, emoções, sentimentos, reflexões que atribuímos a nós, na verdade, são inspiradas em um grupo ou na relação com outrem. Desse modo, podemos remontar lembranças com base

na percepção de outras pessoas ou na imaginação de algo ter acontecido. Como já citado aqui, Santo Agostinho (2001) norteia uma análise da memória em que o homem interior que se lembra de si mesmo, garantindo sua continuidade temporal, no sentido que a memória é capaz de percorrer, remontar no tempo, sem que nada proíba esse movimento de continuidade. Desse modo, situamos uma relação profícua do processo de memorização;

Enfim, não sei porque me aparece agora essa velhinha de Florença (tão velhinha que talvez já tenha morrido), quando tantas coisas importantes têm acontecido no mundo, depois desse pequeno episódio. Mas esse pequeno episódio é um ponto inconsolável no meu coração. (MEIRELES, 2013, p. 46)

Não dizemos que encontramos o que estava perdido, se não o reconhecemos, nem podemos reconhecer, se não nos lembramos, esclarece Santo Agostinho (2001). Se ela não tivesse se lembrado da senhora idosa, ainda que a imagem dela aparecesse não a descobriria, porque não a reconheceria. O vaivém da memória possibilitou tantos questionamentos, um novo olhar e o repensar dos instantes vividos, as formas que o viveu, a importância dada a alguns fatos e a outros não. Além disso, a ironia de um pequeno acontecimento marcar sua vida de forma intensa, por não ter realizado o que prometera, gerando a angústia de esperar e fazer esperarem, concretizando a sensação de quanto tempo à lembrança acompanha e ainda a incomoda, o piscar de olhos, gerou a sensação do longo tempo transcorrido em um instante. Reafirmamos Martin Heidegger (2005) sobre a relevância da angústia, que permite o indivíduo pensar e escolher a si mesmo, libertando-o da alienação, assim, a angústia é vista como a base da existência, o que movimenta o ser, guiando-o a certa evolução.

Notemos a percepção do tempo no texto, o quanto é fugaz, no ocorrido não houve tempo para concretizar a ação, mas as consequências perpetuam-se anos depois com muita força. Ressaltamos a preocupação do melhor aproveitamento do tempo e as consequências das suas escolhas, que não é possível voltar no tempo e refazê-las. A narradora personagem pretende dissipar os momentos de inércia que lhe causaram dores, ao entrelaçar passado e futuro para recriar num instante já em que se cruzam todos os tempos, a ausência deste passado. Desta forma, o título e o entendimento do texto remontam à metáfora do ciclo em relação ao florescer de uma idosa, a transposição da narradora personagem antes, era mais nova, agora velhinha como a que encontrara em Florença, com conhecimentos e arrependimentos que permitem entender melhor as circunstâncias vividas.

Consequentemente compreendemos que a narrativa é um exemplo da negativa ao tempo linear, não demarca início, meio e fim. Pois o enredo da crônica situa a narradora em único ponto de ruptura do tempo como uma totalidade, em que há uma diversidade de acontecimentos, que transcorre dentro de um instante eternizado, pois o tempo não flui linearmente como o tempo físico, não principia e não termina. A protagonista da crônica é um exemplo que entendemos como o “ser no tempo” segundo Martin Heidegger (2005), constituindo formas de ser e está sendo, em um instante no tempo, que não passa. Entendemos, então, que a velocidade do tempo não influencia as coisas que existem dentro dele. No instante eterno, o tempo interno tem as suas próprias regras.

Além disso, a nossa análise acerca da crônica destaca uma singularidade na estrutura da narrativa, no aspecto da narradora rememorar para si, colocar-se no lugar de outro personagem; e também a temática na qual a protagonista recorre a um eterno retorno do tempo por meio da memória, repetindo por insuficiência de um momento vivido, reelaborando e reinterpretando e, assim, surge a capacidade de produzir o novo, o futuro. Como medida adotada para justificar sua falta com o outro e consigo mesma. Na construção da crônica, a narradora personagem reproduz o visível que se interioriza e, por conseguinte, o subjetivo se exterioriza, cuja finalidade é de ser compreendida e completar essa situação que lhe angustiava. Por fim, identificamos a obra literária como uma oportunidade de estudo que fornece traços importantes para pensar a escrita e a vida, visto promover no leitor o saber da situação objetiva e subjetiva, na qual a personagem encontra-se envolvida, notando o contexto e os aspectos temporais, memorialísticos e emocionais suscitados por esta obra.

Referências

- AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Livros VII, X, XI. Lisboa: Lusofonia.net, 2001.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CÂNDIDO, Antônio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp, 1992.
- CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Editora Graal, 2009.
- GIBSON, John. Literature and Knowledge. In: *Philosophy and Literature*. Londres: Oxford University Press, 2009.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

- KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- MEIRELES, Cecília. Uma velhinha em Florença. In: *Ilusões do Mundo*. São Paulo: Global, 2013.
- PELBART, Peter Pál. *Tempo e loucura*. Disponível em <<http://www.cpfcultura.com.br/wp/2009/10/16/integra-tempo-e-loucura-peter-pal-pelbart/>>. Acesso em: 23 set. 2014.
- PELBART, Peter Pál. *Como viver só*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL PARA 27ª BIENAL. Seminário: Vidas coletivas. Palestra de 4 ago. 2006. 57'38". São Paulo, USP, 2006. Disponível: <<http://iptv.usp.br/portal/video.action?idItem=22261>>. Acesso em: 10 set. 2014.
- REIS, Carlos. *O conhecimento da Literatura: Introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- RICOEUR, Paul. Memória pessoal, Memória coletiva. In: *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Ed. Unicamp, 2012.

Vanessa Gonçalo de Sousa

Mestranda em Letras na área de concentração: Estudos Literários na Universidade Federal do Piauí – UFPI, 2014-2016. Especialista em Literatura na Universidade Estadual do Piauí. E-mail: vanessa.goncalo@hotmail.com.

Recebido em 15 de maio de 2015.

Aceito em 29 de junho de 2015.